



SOBRE[VIVER]: O MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DO ESTUDANTE NA UFPEL

ANDREZZA SILVA¹; JOSÉ RICARDO KREUTZ²

¹*Universidade Federal de Pelotas – andrezza.silva@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Nos versos que me trouxeram até aqui, um dos mais importantes, e que se transpassa por mim, foi a vivência/experiência do ensino construído na disciplina de Pesquisa e Intervenção em Psicologia Social, produzido em grupo uma cartografia sobre a Saúde Mental na Permanência Estudantil da UFPel e na vivência do estágio em Psicologia Social na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, visto aqui que me via implicada no contexto, pois faço parte dessa instituição (UFPel). Nesse início de trajetória um dos achados, que nos direcionou a este trabalho, foi a precariedade no que tange o acolhimento na Universidade Federal de Pelotas. Essa disciplina nos instigou aspectos subjetivadores inerentes ao ensino, ao que Vygotsky (1988) apontaria como aqueles aspectos que a aprendizagem ultrapassaria e atualizaria no desenvolvimento humano. Aliando-se aos pressupostos do materialismo marxista, ele vê a emergência da atividade mediada, isto é, a ação que recorre algum instrumento externo para atingir seu objetivo ou potencializar seus efeitos. (GARCIA, 2009). Sendo assim os processos subjetivos transpostos nessa disciplina nos fez aprender e apreender, com auxílio externo, e assim incorporamos no campo das ações.

Para Baremlitt (1977), a vida é um processo essencialmente cambiante e para que os instituídos sejam funcionais na vida social, eles têm de estar acompanhando a transformação da vida social mesma para produzir cada vez mais novos instituídos a partir de movimentos instituintes que sejam apropriados aos novos estados sociais. Munidos destes pressupostos teóricos e, de acordo com o que foi percebido ao longo da cartografia¹ realizada entre uma diversidade de estudantes que utilizam os serviços de apoio e permanência estudantil da UFPel, alguns pontos nos chamaram a atenção pela sua recorrência: o despreparo dos recém-chegados e sua falta de consciência do que serão sujeitos no início de suas vidas acadêmicas na UFPel. Por assim dizer havia uma recepção limitada e não abrangente a todos os alunos que necessitam, no momento em que pouco se há projetos para ampliá-la e se fazer da sua utilização um direito ou bem-estar de todos os alunos que necessitem dela.

Sendo assim surgiu a possibilidade de fazer um estágio na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e da confecção de um Manual de Acolhimento ao Estudante ingressantes na UFPel, tornando importante a oportunidade em fazer

¹Segundo Suely Rolnik (1989, p 15) “A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, se espera que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atentos às linguagens que encontra devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias”

parte desse movimento, dessas forças instituintes em mudar um pouco esse cenário que se encontra(va) a Universidade.

2. METODOLOGIA

Começo como ponto de partida a realização de uma cartografia realizada em grupo feita através da disciplina de Pesquisa e Intervenção em Psicologia Social, com o Prof. Dr. José Ricardo Kreutz; nossa escolha foi estudar/pesquisar sobre a saúde mental na permanência estudantil da UFPel. A partir de uma conversa preliminar com alguns moradores da casa do estudante foi enunciados pelos mesmos: críticas à apatia da lista de espera do atendimento psicológico, que sequer dá orientação ou previsão de atendimento; esboços de planejamentos de um acolhimento informativo, que permita a integração desse aluno como parte de um grupo e que facilite o diálogo com a instituição, novas concepções de saúde mental que consideram a qualidade de vida e a manutenção da estabilidade do ambiente que os estudantes compartilham. Diante disso a partir dessas demandas, esperava-se que esses achados cartográficos pudessem ser utilizados como possíveis agenciamento de diálogos entre a UFPEL e seus alunos.

No decorrer do semestre seguinte houve um diálogo entre nosso professor e as psicólogas da PRAE tornando efetivo vagas para estágio em Psicologia Social e Saúde, trazendo para o campo das ações as discussões apresentadas na cartografia em que trabalhamos: intervenções no que diz respeito a comunicação/acolhimento e prevenção e promoção à saúde mental na Universidade e assim surgiu uma brecha para produzir um Manual de Acolhimento voltado principalmente para ingressante e a todos os alunos da Universidade. Ao longo do caminho pude perceber que a tarefa era mais desafiadora pois, me via em um campo de estágio novo, onde não havia vínculos que antecederam nossa chegada, sem afetos atravessados e por isso, produzir o manual do acolhimento se fez de forma mais lenta pois, aos poucos fomos ganhando confiança, espaço e laços; além disso à vista das demandas que se mostravam surgiram ramificações em possíveis intervenções no que tange a realidade da fila de espera no atendimento psicológico, abrindo espaço para a criação de um projeto que ainda se encontra no campo das ideias, com o nome Rizoma², ele visa acolher os estudantes da fila de espera através de encontros em grupo, quinzenais, aqui enfatizo que ainda está sendo estudado essas possibilidades.

Mas quero me deter a falar sobre a experiência/produção do Manual de Sobrevivência do Estudante, depois de muitos encontros decidimos mudar o nome para sobrevivência, pois é nesse sentido que nós estudantes nos afetamos, ao passar por todo o processo seletivo, sair de casa [do ninho], iniciar uma vida adulta com suas responsabilidades e pouca experiência, o sentimento que nos é tomado é de sobrevivência.

A partir disso o nome sobrevivência nos pareceu mais fiel a realidade estudantil e assim foi criado o Manual de Sobrevivência do Estudante - Cheguei na UFPel e agora?

² O projeto Rizoma é uma forma de solução frente a realidade da lista de espera do atendimento psicológico da PRAE. A ideia aqui é que seja montado o grupo (Rizoma), com estagiários de psicologia, supervisionado pela Psicóloga da PRAE, e que ele tenha encontros semanais ou quinzenais, as pessoas que estão na lista de espera serão convidadas para participar, com o intuito de se fazer um atendimento grupal pensando em estratégias de redução de danos em relação à saúde mental, espera-se que esses grupos se tornem uma forma de "triagem" para o atendimento individual e que também as pessoas comecem a pensar para além do individual e trabalhar mais com a pluralidade.



Durante nossas produções para o manual, debatemos sobre as demandas que nos eram trazidas por alguns estudantes e as suas experiências no ingresso a universidade; nesse percurso ao levar dentro das reuniões com a supervisora e psicólogas, depois de algum tempo, percebemos os resultados positivos acerca dos vínculos que se enlaçavam, isto é começamos a apreender que as psicólogas do local compartilhavam das nossas ideias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a produção do Manual foi preciso dispor nossas linhas de pensamentos em relação ao manual e as demandas dos estudantes, e esse alinhamento foi sendo construído através de vários encontros que debatíamos todas as questões que achávamos pertinente falar a respeito de muitas faltas/falhas da UFPel, pensar em novas ferramentas para comunicação e saúde mental (dois polos que víamos que são precários dentro da universidade. No Manual a intenção era que nele teria as informações necessárias para quem está chegando na UFPel e cidade, desde os horários do micro, bibliotecas, prédios e sua localização/mapa, auxílios oferecidos aos estudantes, informações sobre saúde e saúde mental no município e onde/como conseguir tais ajudas. Com isso, consultamos vários Manuais de outras universidade e fomos atrás de todas as informações que a UFPel tinha espalhadas por vários sites e fizemos um compilado de pontos importantes que todo estudante deve saber ao ingressar na UFPel e em Pelotas, com auxílio das servidoras da PRAE que nos davam um norte para conseguir informações e assim fomos montando em um modelo eletrônico, inicialmente pois não há previsão de conseguirmos fazer em um modo de cartilha. Atualmente o Manual está em processo de correção gramatical e depois irá passar pelo processo de postagem nos meios de comunicação.

4. CONCLUSÃO

Sobre[viver] dentro da Universidade pode dar a noção de um sofrimento mental quando não se vê possíveis projetos para tornar um pouco melhor essa transição adolescência/faculdade, nova universidade, outro curso, outros viveres; são várias bagagens e caminhos dos estudantes ingressantes, desde quem acabou de sair do Ensino Médio até quem decidiu no auge da vida adulta trocar de profissão e seguir uma outra carreira. Aqui nós tentamos amenizar um pouco esse sentimento de não pertencimento, o intuito era mostrar que saúde mental dentro da universidade vai além de um espaço clínico individual entre um profissional e um estudante, projetos preventivos, empatia, continência² são questões que todos da Universidade podem fazer, não só um profissional específico da área.

Sobre gênese das funções psíquicas superiores, Vygotsky diz que: “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: o primeiro no nível social e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpessoal) e, depois, no interior da criança (interpsicológica)” (VYGOSTKY, 1989, p. 64). Isto é, o processo e aprendizagem se faz primeiramente no campo interpessoal, aqui se afirma que o processo de ensino para ser efetivado deve-se ter mais abertura para o campo das práticas, usando como instrumento externo para atingir seu objetivo ou potencializar seus efeitos fazendo com que a teoria se internalize no estudante. Experienciar esse projeto me tornou uma estudante mais empática, trazer as teorias aprendidas em sala de aula para o campo das ações, para a prática me fez entender os motivos de estar fazendo esse curso, entender as teorias que são postas dentro da sala de aula, internalizar aquilo que eu apreendo.



5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PASCUAL, J; JUSTA, R. A aprendizagem inventiva no ensino de Psicologia. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 61, n. 3, p. 23-34, dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 out. 2017.

CAZANATTO, E; MARTTA, M; BISOL, C. A Escuta Clínica Psicanalítica em uma Instituição Pública: Construindo Espaços. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 36, n. 2, June 2016. . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000200486&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 out. 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.